

ATIVISMO, ARTE E INTIMIDADE: A LESBIANIDADE NEGRO-AFRICANA NAS FOTOGRAFIAS DE ZANELE MUHOLI¹

Lucilene Enare Pereira Silva²

RESUMO

O presente artigo tem a importante missão de narrar a trajetória da artista e ativista Zanele Muholi em sua polêmica e marcante carreira como fotógrafa, a fim de coletar um grande número de informações sobre a artista e seu trabalho para dar visibilidade às minorias sexuais da África do Sul, a qual têm dedicado muitos anos de sua vida. Para construção e melhor entendimento deste trabalho, o mesmo foi dividido em três subtemas onde o primeiro tem a proposta de apresentar a artista e seu talento para a fotografia, assim como a importância do seu trabalho para o ativismo LGBTQ+ em seu país. O segundo subtema, pretensiosamente chamado de *Faces and Phases* - nome de uma das mais importantes obras da fotógrafa - busca explorar a intimidade e o erotismo estudados e utilizados por Zanele Muholi para retratar corpos negros que não performam a feminilidade imposta pela sociedade às mulheres de grande parte do mundo globalizado. E por último, o artigo trata de fazer uma investigação e uma análise estético-política sobre a relação da artista com seu trabalho. Para isto foi disposto o artigo “*A Dúvida de Cézanne*” escrito por Maurice Merleau-Ponty onde o filósofo explora a relação de Cézanne com seu trabalho e se a vida do artista pode ter ou não influenciado na criação de suas pinturas. Este é um artigo de cunho bibliográfico onde foram utilizadas diversas fontes, desde artigos acadêmicos a informações retiradas de fontes como sites. Zanele Muholi tem se dedicado a lutar para dar visibilidade a uma importante luta e este artigo vem com o dever de documentar.

Palavras-chave: Arte e fotografia - África do Sul. Lesbianismo - África do Sul. Minorias sexuais - África do Sul. Muholi, Zanele - Crítica e interpretação.

ABSTRACT

This paper has the important task of narrating the trajectory of the artist and activist Zanele Muholi in her polemic and striking career as a photographer, in order to collect a big number of information about the artist and her work to give visibility to the sexual minorities in South Africa, which she has dedicated several years of her life. To the construction and better understanding of this article, it was divided in three subtopics where the first has the proposal of presenting the artist and her talent to photography, as well as the importance of her work to the LGBTQ+ activism in her country. The second subtopic, pretentiously called *Faces and Phases* – the name of one of the photographer’s most important work – aims to explore the intimacy and eroticism studied and used by Zanele Muholi to portray black bodies that don’t perform the femininity imposed by society to women in most of the globalized world. And finally, the paper makes an investigation and an aesthetic-political analysis about the relation between the artist and her work. To that end it was provided the paper “Cezanne’s Doubt” written by Maurice Merleau-Ponty, where the philosopher explores the Cezanne’s relation with his work and if the artist’s life had influenced or not on his painting creations. This is a bibliographic paper where it was used many sources, since academical papers to information from websites. Zanele Muholi has dedicated herself to fight to give visibility to an important struggle and this paper comes with the obligation to document it.

Keywords: Art and photography - South Africa. Lesbianism - South Africa. Muholi, Zanele - Criticism and Interpretation. Sexual minorities - South Africa.

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Elizia Cristina Ferreira.

² Bacharelada em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

1 ARTEVISMO

Este trabalho será desenvolvido como um estudo descritivo de cunho bibliográfico no qual, por meio desta metodologia, compreende-se o significado social da obra da artista escolhida e as questões sociais que indicaram a trajetória da mesma, enquanto mulher africana, negra e lésbica, tendo como ponto elementar a questão afetiva no processo de feitura das suas fotografias e sua vinculação com a sua luta política.

A elaboração deste trabalho cruza muitos caminhos. As séries da artista escolhida para análise retratam diversos elementos pessoais e coletivos de encontro com questões importantes para toda a sociedade. Desde as relações romântica e erótica até a nossa ligação com uma ancestralidade que nos significa enquanto ser social, as existências sexo divergentes e africanidade expressas de maneira ímpar no trabalho de Zanele Muholi é o nosso objeto de estudo. A escolha desta artista como referencial argumentativo é também parte de uma busca pessoal e política de celebrar os corpos lésbicos e negros. Celebração esta que se impõe como uma quebra do silêncio imposto e dos muros da invisibilidade.

Este trabalho tem também o objetivo de esmiuçar e estabelecer uma correlação entre as fotografias de Zanele Muholi e a obra escrita de Merleau-Ponty a respeito do artista Paul Cézanne, onde, com base em significativas leituras e observações pessoais, tentaremos traçar a trajetória de Zanele Muholi enquanto artista, ativista e mulher negra homossexual, com importante ênfase em trabalhar em perguntas que possam responder como sua arte, seu ativismo e quem ela é estão interligados e como se separam. Historicamente a vivência das lésbicas ao redor do mundo tem sido relegada à invisibilidade. Pouco se tem documentado a história, ativismo e, principalmente, a experiência de ser lésbica nas comunidades diversas ao redor do mundo. Ser lésbica, portanto, parece ser um mistério que só não é desvendado porque é conveniente que algumas vidas permaneçam encobertas pela névoa da ignorância. Audre Lorde nos incita “Porque sou mulher, porque sou Negra, porque sou lésbica, porque sou eu mesma – uma poeta guerreira Negra fazendo seu trabalho. Pergunto: vocês, estão fazendo o seu?” (LORDE, 2008, p. 18) Com este questionamento a poetisa lésbica e negra nos traz à realidade, quem falará pelas lésbicas senão elas mesmas? Como minoria social, só resta a nós mesmas nos celebrar, nos reconhecer e contar a história sob a nossa própria perspectiva, dando um novo significado a nossa existência em sociedade. Por isso escolhemos analisar o trabalho desta artista e ativista que através do seu olhar tem feito parte deste esforço silencioso e conjunto de sobrevivermos e nos apresentarmos ao mundo como seres complexos e relevantes.

O interesse pelo retrato fotográfico para ser a abordagem central deste trabalho foi delineado pela importância do próprio tema. Na tentativa de escolher autoras durante o processo de pesquisa, Muholi surge trazendo compressões das minhas motivações pessoais para a escolha do objeto de estudo. Por meio das fotografias que tive acesso, pude me ver retratada nas mulheres que habitam as lentes da ativista visual. O feminino da fotografia nos encontra e é desafiador enxergar nossas semelhantes de maneira profunda, e ao mesmo tempo a estranheza com o que o mundo enxerga a nós e a elas. Quem somos, enquanto lésbicas e negras, caminhando em um mundo que não nos acolhe e no qual precisamos viver e nos relacionar? Como construímos o nosso universo particular e vidas em uma sociedade que não foi constituída para abraçá-lo? Estas são as questões que a observação do trabalho desta mulher me trouxe, e as quais eu tentarei responder, ainda que este trabalho não tenha pretensão de se intitular um trabalho antropológico.

A fotografia tende sempre a ficar no limite da constatação, no caso de uma questão ou característica socioetnográfica. Vai ser o “olhar” do pesquisador que vai identificar nela a problemática socioantropológica. Sem isso as fotografias parecem produzir apenas descrições rasas. (GOLDOPHIM, Nuno. 1995)

A fotografia nesse caso se apresenta como interessante ferramenta para a análise das questões sociais postas a partir da discussão do tema, ao mesmo tempo em que não nos fornece respostas absolutamente verdadeiras, mas nos instiga a mudar o nosso olhar sobre o mundo e nós mesmos.

Figura 1 - Zanele Muholi



Fonte: Being (2007).

Figura 2 - Zanele Muholi

Fonte: Being (2007).

2 FACES AND PHASES: TRAJETÓRIA DE LUTA

Within the lesbian community I am Black, and within the Black community I am a lesbian. Any attack against Black people is a lesbian and gay issue, because I and thousands of other Black women are part of the lesbian community. Any attack against lesbians and gays is a Black issue, because thousands of lesbians and gay men are Black. There is no hierarchy of oppression. (LORDE, 2009, p. 29.)³

Além do foco na sexualidade e no erotismo representado por corpos negros, Zanele levanta outro ponto muito importante nesta discussão. O que ocorre quando a sexualidade diversa é perpassada pela questão racial. Novamente Audre Lorde nos ensina e leva a pensar na intersecção destas existências não reconhecidas. O trabalho de Muholi parece ser a ilustração desta questão posta pela poetisa lésbica e negra. Não há como dissociar ser negra de ser lésbica, quando se é os dois. Existindo como uma lésbica negra não só individualidade se intersecciona, mas também as demandas próprias de uma sociedade racista, misógina e lesbofóbica.

Ao longo de oito anos de trabalho Zanele Muholi, que se considera uma ativista visual, vem retratando rostos e sentimentos da comunidade LGBTQ+ sul-africana, em sua maioria

³ Dentro da comunidade lésbica eu sou negra, e dentro da comunidade negra eu sou lésbica. Qualquer ataque a pessoas negras é uma questão lésbica e gay porque eu e centenas de outras mulheres Negras somos partes da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão negra, porque centenas de lésbicas e gays são negros. Não há hierarquia de opressão. (Tradução minha)

mulheres lésbicas. O resultado deste trabalho pode ser apreciado na série *Faces and Phases* (FACES e Fases). A artista tem atuado através do seu ativismo artístico durante toda a última década. Além de documentar a comunidade LGBT do seu país, também atua junto ao Forum for the Empowerment of Women - FEW (Fórum de Capacitação das Mulheres), uma organização focada em criar espaços seguros para que as mulheres lésbicas se organizem. Sua dedicação tem sido reconhecida, hoje sendo considerado um dos principais nomes do ativismo lésbico e gay na África do Sul.

Figura 3 - Zinzi y Tozama II



Fonte: Being (2007).

Figura 4 - Mbali Zulu, KwaThema, Springs, Johannesburg, 2010



Fonte: Contemporary Art Daily (2014).

Ao entrar em contato com a obra da artista, especialmente a série *Faces and Phases*, pode-se perceber a preocupação de Zanele em registrar e celebrar corpos lésbicos - e GBT's de forma geral - assim como estes são. Corpos estes que tem marcas de histórias, olhares felizes ou apreensivos e sorrisos, por muitas vezes, tímidos. A artista faz questão de fotografar pessoas reais, onde a rotina nada tem a ver com ser modelos fotográficos e isto tem a ver com a forma com que Zanele encara de volta este mundo que a julga somente pelo fato de ser lésbica.

A retratação da África do Sul pelas personagens presentes nas fotos de Zanele Muholi, nos revela com delicadeza uma outra face do continente africano como um todo. O trabalho da artista deixa uma marca muito importante nas discussões em torno dos direitos, vivências e luta das lésbicas ao redor do mundo. A homossexualidade feminina existe na África, e dizer isso é importante porque determina que até nos lugares onde o olhar ocidental não deseja compreender nossas comunidades existem, nossas sexualidades e sentimentos resistem. A homossexualidade ainda é um tabu no continente africano, e a África ainda é um tema envolto em um véu de incompreensões pelo restante do mundo.

Mas quem é Zanele Muholi? O que sua vida tem a nos contar sobre o seu trabalho como fotógrafa? Zanele nasceu em julho de 1972 em Umlazi, na África do Sul, e hoje, aos 45 anos, é um grande referencial no ativismo LGBTQ+ do seu país e no mundo. Aprendeu a arte de fotografar com um fotojornalista chamado David Goldblatt e desde então tem treinado seu olhar para registrar a existência e resistência das minorias em sexuais e de gênero em seu país. Em dado momento a artista revela em uma entrevista para *Human Rights Watch* – organização voltada para defesa e divulgação de mídia focada em direitos humanos – como a violência contra as mulheres lésbicas em seu país fez com que estas pudessem se aproximar e se unir em um corpo forte para denunciar as atrocidades violentas que eram acometidas contra elas. A artista comenta ainda em sua entrevista que suas imagens não são apenas para fortalecer denúncias, mas para promover, também, afeto e empatia do seu público, valorizar a existência e resistência de uma minoria por muitas vezes pouco lembrada.

Tendo em vista os recentes avanços legais na África do Sul, sendo o primeiro país no hemisfério sul a reconhecer a legitimidade da união entre pessoas do mesmo sexo, o trabalho de Zanele Muholi tem um significado que vai além das fronteiras do seu país de origem. Pois hoje o país é reconhecido como o maior destino para os "asilados sexuais" segundo a ACNUR. A ativista visual faz soma ao número de artistas e ativistas que atuam no país. Mas

o trabalho de Muholi é único e especial, pois ele traz à tona um mundo sob o ponto de vista feminino, lésbico e negro.

O tema deste trabalho se insere no contexto político e cultural da atualidade. Muitos valores antigos têm sido questionados em todos os lugares do mundo. Este é um tempo de mudanças, ou como diria a filósofa e militante política Angela K. Davis tempos de ver o "movimento revolucionário reacender" (BLACK LIVES MATTER, 2015). Assim como Angela K. Davis, que presenciou diversas transformações na sociedade norte-americana ao longo das décadas, Munholi, hoje com 45 anos, acompanhou algumas importantes mudanças, assim como os paradoxos da sociedade sul africana. Apesar da recente (e talvez aparente) abertura do seu país dentro do continente a abraçar os homossexuais africanos vindos de diversos lugares, em agosto de 2009, Lulu Xingwana, Ministro das Artes e Cultura, deixou uma exposição de Muholi por considerar seu trabalho imoral, ofensivo e contrário aos ideais nacionais da África do Sul. É nesse cenário que a artista tenta, ao mostrar a intimidade de mulheres como ela, fazer com que a lesbianidade seja normalizada, e que o discurso em torno da mesma não se fixe na violência e brutalidade dos crimes de ódio.

Ao observar as fotografias de Munholi centramos nosso olhar diretamente na forma como esses três eixos (mulher, negra e lésbica) significam a vida das pessoas retratadas por ela. O presente trabalho, obtendo propriedade e profundidade necessárias, poderá contribuir para um despertar de uma nova consciência sobre as vidas lésbicas e negras, que se tornam invisíveis em todas as partes do mundo. Em dado momento, em sua entrevista para o HRW Muholi afirma: "Os crimes do ódio se tornaram um fator vinculativo para as comunidades LGBT (...) outro caso se torna parte de nossa história. (...) E o que estamos fazendo sobre isso? Você deve documentar. Você é obrigado a documentar." (MUHOLI, 2013). Mas em outra parte do mesmo filme ela discorre sobre o próprio trabalho:

É o meu desejo poder encontrar ícones lésbicos positivos no Wikipedia ao invés de encontrar estes assassinatos brutais. Não há nada que seja focado em relações homoafetivas versus crimes de ódio. Quando começamos a falar sobre intimidade? Eu produzo fotografias que são íntimas porque eu sou uma pessoa dada à intimidade. (MUHOLI, 2013)

Desde o seu primeiro trabalho de exposição solo, *Visual Sexuality: Only Half the Picture* (Sexualidade Visual: somente metade da imagem) Zanele Muholi questiona as estruturas que se impõem sobre os corpos das mulheres negras e lésbicas. Apesar dos prêmios e prestígio que o seu trabalho trouxe para sua vida, parte da sociedade africana ainda recebe com estranheza o seu trabalho. Em entrevista ao site ArtthRob um leitor diz:

When I see blood (menstrual blood, I'm assuming) crudely manipulated into the form of the female reproductive organ - that is disturbing. The photos of the misshapen, overweight woman - as Venus of Willendorfesque as she may be - it is unhealthy and again disturbing. Seeing the girl with the dildo - disturbing. Maybe I had a weak stomach 'cause I missed lunch, I don't know - I just don't find the photos 'beautiful'. Powerful, yes, beautiful no.⁴ (NGCOBO, 2006)

É pelas controvérsias e opiniões contrárias ao trabalho da artista que se revela a importância que ele tem hoje para discutir a homossexualidade feminina, negra e africana. Pois, se Zanele consegue gerar este tipo de reação não tão positiva sobre suas obras é porque o seu trabalho tem de fato um significado político de mutabilidade e o impacto nas comunidades sul-africanas é potente.

Figura 5 - Sex ID Crisis



Fonte: Zanele Muholi, Museion (2003).

⁴Quando eu vi sangue (menstrual, estou assumindo) cruelmente transformado na forma do órgão reprodutor feminino – isto foi perturbador. As fotos de uma mulher disforme e acima do peso – como a Venus de Willendorfesque que ela deveria representar – isto não é saudável e novamente perturbador. Enxergar a garota com o dildo – perturbador. Talvez eu tenha o estômago fraco, porque eu não consegui almoçar, não sei. Eu só não acho as fotos bonitas. Poderosas, sim, bonitas não. (Tradução minha)

3 ANÁLISE ESTÉTICO-POLÍTICA: RELAÇÃO ESTÉTICA E POLÍTICA ENTRE ARTE E VIDA

A nossa análise da obra de Muholi está centrada nos motivos que a levam a produzir esta arte-ativismo tão única e especial. As dores e a intimidade das mulheres lésbicas e negras presentes da maneira mais complexa e sintetizada através da honestidade das suas lentes é o ponto chave de construção da nossa pesquisa. Para melhor entender os conceitos de arte e filosofia presentes na vida e especialmente na obra de Zanele Muholi faço uso do artigo “A Dúvida de Cézanne” escrito pelo filósofo Maurice Merleau-Ponty.

Para Merleau-Ponty, expressar-se através da arte pode ser uma forma de contar para o mundo e para si mesmo quem você é. A arte produzida por certo indivíduo na sociedade pode ser capaz de enunciar harmonicamente e expressivamente elementos sobre um indivíduo, ainda que exista diversas dificuldades em definir totalmente quem é o artista apenas por meio da análise superficial e rápida de sua obra. O filósofo escreveu no artigo “*A Dúvida de Cézanne*” que “é certo que a vida não explica a obra, porém certo é também que se comunicam” (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 222). Um fato declarado a quem se possa perguntar é que uma obra artística é também uma forma particular do artista expressar suas certezas, faltas, desejos, etc, a todo aquele a quem sua obra seja capaz de alcançar, afinal, obras artísticas são sujeitas a especulações e todo bom observador diz sim ao convite. Merleau-Ponty indica e estabelece que Paul Cézanne era um homem deprimido e triste, o filósofo diz ainda que é possível ver a solidão de Cézanne através de sua obra: “se nos parece que a vida de Cézanne trazia em germe sua obra, é porque conhecemos sua obra antes de vermos através delas as circunstâncias da vida, carregando-as em um sentido que tomamos à obra”. (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 221)

Quando Zanele Muholi, diante de uma infinidade de outras escolhas, decide dedicar sua vida como uma artista da fotografia voltada para as minorias sexuais negras da África do Sul, ela o faz para que as vozes que ecoam dentro de cada uma destas pessoas sejam ouvidas. Ela o faz porque também faz parte destas mesmas minorias, por ser uma mulher negra e lésbica em uma sociedade patriarcal e destrutiva, e como ela mesma discorre em entrevista, a artista sente a necessidade de registrar sua existência: “*Você deve documentar*”.

Para reforçar, em *A Dúvida de Cézanne*, o filósofo Merleau-Ponty vai fazer um apontamento, que chama atenção, onde diz que “*a arte não é uma imitação*”(MERLEAU-PONTY, 1975, p. 119), mas “*uma operação de expressão*” (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 119), e logo, pensando-se o gênero de arte apresentado por Muholi - a fotografia, que é tão

única, executada a partir da sensibilidade do olhar da fotógrafa – Merleau-Ponty estabelece naquele momento, em sua fala, a arte como sendo a realização da exteriorização dos sentimentos do artista. Ao lembrar das imagens registradas por Muholi, conclui-se que elas falam por si: ali é possível encontrar símbolos culturais e tradicionais em aspectos que se contrapõem ao mesmo tempo que se entrelaçam à estilos de vida e escolhas, ou não, que são por muitas vezes reprovados pela sociedade.

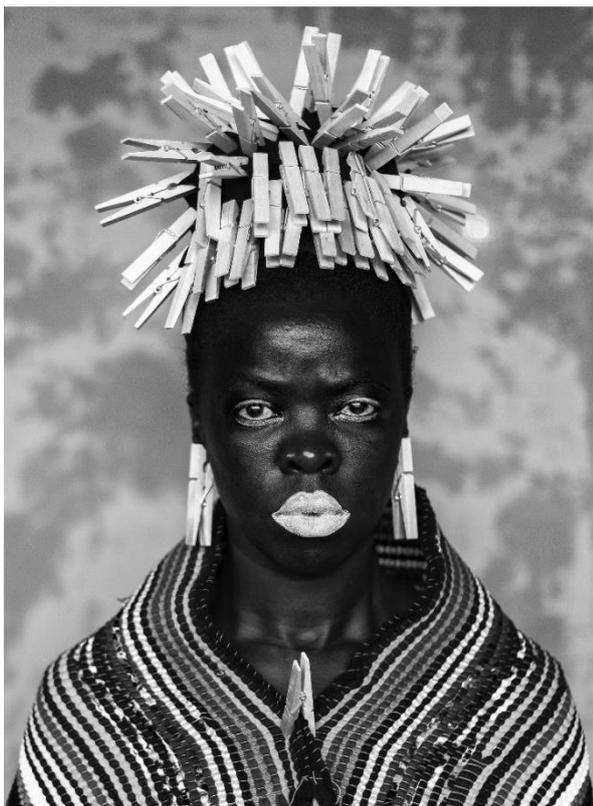
Durante sua entrevista para *Humans Rights Watch* pode-se observar Zanele trançando os cabelos de sua modelo antes do ensaio, ela afirma com simplicidade que “só quer que as pessoas saiam bonitas”, quando perguntada sobre o grau de influência que tem em seus retratos, e de fato este é um trabalho que ela realiza com sucesso, mas não se pode negar também, que sendo uma mulher que está no mesmo nível de opressão vivida por inúmeros dos seus modelos, é viável manifestar aqui que suas fotografias são um espelho de sua alma, fazem parte de quem ela é. Assim como Merleau-Ponty apresentava Cézanne como um homem colérico, e suas obras com um grau de tristeza, as fotografias são a operação de expressão de Zanele Muholi.

Há um intercâmbio entre a constituição esquizóide e a obra de Cézanne porque a obra revela um sentido metafísico da doença – a esquizoidia como redução do mundo à totalidade das aparências estáticas e suspensão dos valores expressivos –, porque a doença não mais é, pois, um fato absurdo e um destino para se tornar uma possibilidade geral da existência humana, quando enfrenta de maneira conseqüente um de seus paradoxos, o fenômeno da expressão, e que já neste sentido, enfim, não há diferença entre ser Cézanne ou esquizóide. Logo, não seria possível separar a liberdade criadora dos comportamentos menos deliberados que despontavam já nos primeiros gestos de Cézanne criança e na maneira pela qual as coisas o atingiam. (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 312)

Esta análise merleau-pontyana feita para separar, ou melhor, tentar entender onde se funde Paul Cézanne, sua depressão e suas obras é um dado de extrema importância para se compreender as fotografias de Zanele Muholi do ponto de vista da História da Arte e da Filosofia. Em “*A Dúvida de Cézanne*” ele afirma que uma vez tomado pela depressão, era de trabalho árduo e impossível distinguir Cézanne de sua doença pois agora ela fazia parte de quem ele era. Ao pesquisar sobre Muholi é possível ter acesso a algumas informações sobre sua vida e sua trajetória como artista e ativista do movimento LGBTQ+ da África do Sul. Começou seu ativismo ainda jovem, engajada em fazer com que as leis em favor da comunidade LGBT sejam efetivas, tem para si que a arte de registrar faces e expressões é um ato de resistência que pode ser utilizado em sua cultura, não para chocar, mas para que se possa obter, principalmente, empatia. Ela diz em entrevista: “Eu trabalhei duro para criar

imagens positivas e socialmente significativas de lésbicas negras. E assim temos feito um movimento significativo em direção à nossa visibilidade. Tem sido minha principal missão garantir que aqueles que vêm depois de nós terão outros olhos para enxergar”⁵ Ao entender “seu lugar” na sociedade por ser uma negra lésbica, Muholi sentiu a necessidade gritante de externar de alguma forma o que sentia, desde seu amor por outras mulheres até a sua angústia em se encontrar nesta posição de amar mulheres, então passou a fotografá-las em suas mais belas formas, para que elas também se sentissem especiais de alguma forma e se sentissem belas e principalmente, para encontrar quem ela é. Assim como em A Dúvida de Cézanne, é impossível distinguir Zanele Muholi do seu ativismo e da sua obra. Por fim, para a reflexão, Merleau-Ponty diz: “O artista é aquele que fixa e torna acessível aos mais “humanos” dos homens o espetáculo de que participam sem perceber”. (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 220)

Figura 6 - Bester I, Mayotte



Fonte: Zanele Muholi, Stevenson (2015).

⁵ Entrevista de Zanele Muholi à Humans Right Watch traduzida e legendada pela Revista de Fotografia ZUM. (Disponível em: <http://revistazum.com.br/tv-zum/zanele-muholi>)

4 CONCLUSÃO

Ao entrar em contato com as fotografias de Zanele Muholi senti intensamente a necessidade de escrever sobre esta grande artista e toda a importância do seu trabalho como fotógrafa e ativista visual para a comunidade LGBT negra da África do Sul. O desenvolvimento deste trabalho possibilitou não apenas conhecer melhor Zanele Muholi, mas também aproximar de certa forma a comunidade acadêmica dentro do Brasil de um trabalho que tem um ponto de vista inovador por ser diferenciado e único, repleto de simbologias e culturas negro-africanas. Pode-se dizer que, de modo geral, este artigo ainda é o início de um projeto maior, que será realizado com o tempo e seus resultados ainda são impossíveis de calcular, mas a priori os resultados deste trabalho dão imensamente satisfatórios. Para mim, de modo especial, foi uma excelente oportunidade também trabalhar em um artigo que trata de assunto de grande importância para a comunidade LGBT negra que é dar visibilidade às suas vidas, existência e demandas. Apesar das dificuldades enfrentadas para a realização deste trabalho, nenhum obstáculo foi impedimento suficiente para que o mesmo fosse realizado com previsão e a devida dedicação que a temática merece.

REFERÊNCIAS

BRITISH JOURNAL OF PHOTOGRAPHY. Disponível em: <<http://www.bjp-online.com/2018/04/show-zanele-muholis-somnyama-ngonyama-hail-the-dark-lioness/>> Acesso em: abril de 2018

GODOLPIM, Nuno. **A Fotografia como Recurso Narrativo: Problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995

ID CRISIS - ZANELE MUHOLI - Google Arts & Culture Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/id-crisis/mgG1XfV3hoHQ4A>>. Acesso em: abril de 2018

LORDE, Audre. **I'm Your Sister: Collected and Unpublished Writings of Audre Lorde.** Oxford University Press: 2009

MERLEAUPONTY, M. **A dúvida de Cézanne.** Tradução Gerardo Dantas Barreto. In: os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

NGCOGO, Gabi. **Zanele Muholi.** Disponível em: <<http://artthrob.co.za/06dec/artbio.html>> Acesso em: abril de 2018

Revista de Fotografia ZUM: **Fotografia e Ativismo: Zanele Muholi e as mulheres negras lésbicas e Transgêneros da África do Sul.** Disponível em: <<http://revistazum.com.br/tv-zum/zanele-muholi/>> Acesso em: abril de 2018

WORTHAM, Jenna. **Zanele Muholi Transformations: A photographer known for taking striking portraits of members of the black queer community in South Africa turns the camera on herself.** Disponível em <<https://www.nytimes.com/2015/10/11/magazine/zanele-muholis-transformations>> Acesso em: agosto de 2015

ZANELE MUHOLI - ZAM. Disponível em: <<https://www.zammagazine.com/zam-art/2-zanele-muholi>>. Acesso em: abril de 2018.

ZANELE MUHOLI AT WENTRUP (Contemporary Art Daily). Disponível em: <<http://www.contemporaryartdaily.com/2014/04/zanele-muholi-at-wentrup/>>. Acesso em: abril de 2018

ZANELE MUHOLI Faces & Phases - Aperture Foundation NY. Disponível em: <<https://aperture.org/blog/magazine-zanele-muholis-faces-%C2%9D-phases/>>. Acesso em: abril de 2018